

**Organizado pela ANSP com apoio da Escola, o evento aconteceu no dia 31 de agosto, no Centro do Rio de Janeiro (RJ)**



“Mesmo supondo uma taxa média de crescimento do PIB de 2,5% ao ano, podemos projetar para o Brasil, ao fim dos próximos 8 anos, isto é, em 2025, uma arrecadação de prêmios e contribuições de seguros de 7,4% do PIB. Isto representa crescimento em relação ao dado de hoje e está relacionado à resiliência do mercado e ao grande espaço de expansão do setor num país sub-segurado como o nosso”.

Esta foi a conclusão do economista do Centro de Pesquisa e Economia do Seguro (CPES), da Escola Nacional de Seguros, Lauro Faria, ao final de sua apresentação no “Café com Seguro – Cenário Econômico e o Mercado de Seguros”.

Organizado pela Academia Nacional de Seguros e Previdência (ANSP) com apoio da Escola, o evento aconteceu no dia 31 de agosto, no auditório da CNseg, no Centro do Rio de Janeiro (RJ). Na solenidade de abertura, o presidente da Academia, João Marcelo Máximo dos Santos, defendeu a maior participação do segmento na economia brasileira. “Precisamos explicar como funciona a dinâmica do Seguro e divulgar a importância da nossa indústria para a população”, afirmou.

Outra personalidade que participou da abertura foi o presidente da CNseg, Marcio Coriolano. Ele ressaltou os diferenciais e a importância do mercado de seguros para o Brasil. “Geramos ampla oferta de empregos, produzimos mais de R\$ 1 trilhão em garantias e desoneramos o Governo Federal de diversos riscos. O setor se mostra resiliente à crise enfrentada pelo País e a população está em busca de proteção. Cabe a nós mostrar ao Governo o quanto importante somos para a nossa economia e esperar que ele promova políticas públicas que impulsionem o setor”, declarou.

Lauro Faria apresentou o primeiro painel do evento, “Cenário Econômico, Político e Tendências. Principais Previsões”. Ao longo da explanação, o economista comparou o PIB do Brasil ao dos EUA, e constatou que a renda per capita brasileira está estagnada em relação à dos Estados Unidos desde a década de 80. “Chama-se esse fato de ‘armadilha de renda média’, que ocorre quando um país mantém o estágio de renda média, ou seja, renda per capita entre 20% a 55% da renda per

capita dos EUA durante mais de 47 anos. Há crescimento, mas insuficiente para que o país atinja um padrão de riqueza semelhante ao do mundo desenvolvido", explicou.

### **Brasil como centro regional de excelência**

Segundo Faria, de acordo com estudos do Banco Mundial, o Brasil encontra-se nesse cenário há mais de 50 anos, devido a fatores como gerenciamento macroeconômico deficiente, alta carga tributária, burocracia excessiva, baixa poupança e produtividade, educação falha, distância geográfica dos polos indutores de crescimento, entre outros. No entanto, mesmo nessa situação, o mercado de seguros pode crescer. "Até 2025, a arrecadação do setor pode chegar a R\$ 600 bilhões a preços de hoje ou 7,4% do PIB. E se o crescimento econômico fosse de 4%, isto poderia aumentar a arrecadação em mais R\$ 100 bilhões", projetou.

O segundo painel, "Cenário do Setor de Seguros e Suas Tendências no Brasil. Desafios e Oportunidades", foi conduzido pelo mestre em Economia, Francisco Galiza, que falou sobre o impacto das novas tendências no mercado, como o surgimento de tecnologias, o envelhecimento populacional e a facilidade de mobilidade.

O economista apresentou resultados de pesquisa realizada pela Universidade de Harvard (EUA) sobre duas incertezas que rondam todos os mercados: a tecnológica e a relacionada a demanda.

A incerteza tecnológica corresponde ao percentual investido pelas empresas em pesquisas, já a de demanda representa a volatilidade nas colocações dos setores que mais crescem. "O setor de seguros tem baixa incerteza de demanda e muito investimento tecnológico, portanto, apresenta boas taxas de crescimento", afirmou. Segundo Galiza, a previsão é de que o mercado cresça em torno de 10% em 2017.

O diretor VP Técnico da Terra Brasis Resseguros, Carlos Zoppa, conduziu o terceiro e último painel, "Cenário do Setor de Resseguro e Suas Tendências no Brasil. Desafios e Oportunidades". De acordo com o executivo, o Brasil tem potencial para se tornar um centro regional de excelência em resseguro, atraindo ainda mais investimentos para o setor. "Hoje temos 16 resseguradoras locais e 60 grupos internacionais trabalhando offshore", afirmou.

De acordo com Zoppa, o País está no caminho certo, pois tem grande vocação para a internacionalização. "O Brasil é um grande importador, tem economia de larga escala, baixa exposição catastrófica e responde por metade dos prêmios de seguros da América Latina. Para cumprirmos a promessa de tornar o Brasil, de fato, um centro de excelência, devemos aprimorar cada vez mais a capacitação dos profissionais, desenvolver tecnologias de resseguros e facilitar a internacionalização por meio da isonomia tributária e da transferência de riscos para o mercado de capitais", concluiu.

**Fonte:** Boletim Acontece nº 573, de 01.09.2017.